

A procissão do Senhor dos Passos da Sapataria: Função económica e reorganização da ordem social

Maria Margarida Paes Lobo Mascarenhas

Abstract. The Catholic procession of Nosso Senhor dos Passos of Sapataria in Lisbon is a yearly ceremony of penitence and prayer for the local community. This article shows how money, exchange, and the capitalization of donations are integral to the organization of this ceremony, building an interrelation between religious and economic values.

O entendimento do comportamento social, enquanto forma de interacção ou cultura, conduz a uma visão dinâmica do modo como os indivíduos integrados em grupos vão resolvendo os problemas com que se deparam, numa adaptação às mudanças temporais sofridas pela conjuntura social. É neste contexto teórico que se justifica esta análise da função económica do ritual da procissão do Senhor dos Passos da Sapataria, bem como do seu sistema de prestação de dádivas. Os dados utilizados foram obtidos através de entrevistas, conversas informais, da observação directa dos preparativos e dos ritos propriamente ditos, com base em apoio teórico obtido através de bibliografia.

A freguesia da Sapataria pertence ao Concelho de Sobral de Monte Agraço, o mais pequeno do distrito de Lisboa, e integra a denominada região Oeste. Neste contexto, realiza-se anualmente no quarto Domingo da Quaresma, desde há cerca de 400 anos, a procissão do Senhor dos Passos, numa reconstituição dos Passos do Calvário (*O trabalho e as tradições...* 453).

No que respeita à intenção deste ritual, ficou apurado que em tempos a comunidade da Sapataria pretendia obter a chuva indispensável a uma agricultura de subsistência, acreditando, com estes ritos, suprir as necessidades económicas dos produtores. Com o início da economia de mercado, a maior parte dos habitantes da Sapataria, alguns proprietários, outros trabalhadores agrícolas assalariados, ainda se encontravam totalmente dependentes da terra e, por consequência, do clima. Hoje, a população já não vive da agricultura (sobretudo da de subsistência), tendo-se desenvolvido outros sectores de produção (industrial, sobretudo de transformação de produtos agrícolas e pecuários), assim como o comercial, numa modificação da conjuntura económica, o que produziu, como é evidente, alterações sociais com consequências no âmbito dos rituais desenvolvidos pela comunidade.

O itinerário deste ritual cíclico tem sofrido alterações, consistindo actualmente numa volta à igreja e noutra trajectória circular, no sentido dos ponteiros do relógio, que dando a volta à freguesia regressa posteriormente à igreja.

A organização do ritual e as tarefas respeitantes à igreja têm sido desempenhadas pelo casal constituído pelo sacristão e sua esposa, função passada de geração em geração, e por uma Comissão Fabriqueira, constituída por quatro casais com tarefas distribuídas numa divisão sexual do trabalho—enquanto os homens se responsabilizam pela gestão financeira, às quatro mulheres compete a manutenção da igreja ao longo de todo o ano, no que respeita a limpeza e às flores. Esta comissão tem um mandato de cinco anos, devendo cada casal que sai encontrar outro para o substituir, de entre os parentes e vizinhos.

No terceiro domingo da Quaresma, a Comissão Fabriqueira arranja quatro homens para fazer a “pedida” (peditório) por toda a freguesia, excepto no lugar de Pêro Negro, com o qual mantém uma grande rivalidade, estando em disputa o lugar ideal para sede da freguesia.

É na “pedida” que os homens da comunidade que pretendem integrar a procissão devem fazer um donativo, cujo valor mínimo era em 2002 de 7,5€, que lhes concede o título de mordomo, recebendo em troca, de imediato, um pacote de amêndoas de 200g; o título de meio mordomo é obtido pela oferta de metade dessa quantia, recebendo então 100g de amêndoas. Todos os mordomos recebem, ainda hoje, uma opa (capa) roxa e antigamente quem desse o maior donativo tinha a honra de levar na procissão a vara de juiz, mas hoje em dia “até já é difícil encontrar quem dê.” Todas as dádivas são registadas numa lista com referência ao lugar, ao nome do ofertante e respectivo quantitativo recebido pela comissão.

Para Mauss, a recusa de se receber mais não é do que recusar a aliança entre os homens: “[...] les échanges de cadeaux entre les hommes, [...] incitent [...] les dieux à être généreux envers eux” (165).

A contra-dádiva das amêndoas, que só é exceção no caso das ofertas feitas por promessa, é realizada “há um número de anos desconhecidos,” constituindo sem dúvida uma marcação cerimonial deste ciclo, intervindo na reiteiração periódica das relações sociais. Leal afirma-o: “O modo como, em muitos casos, estas dádivas (refeições cerimoniais) se estendem informalmente a outras unidades domésticas de parentes, vizinhos ou amigos, deve ser olhado à luz da mesma perspectiva, [...] liga-se também, por intermédio do compasso pascal, a ideias de reafirmação de laços sociais mais amplos, como aqueles que se prendem com a pertença à comunidade” (264).

Para além da comissão, o sacristão e a mulher têm competências específicas neste ritual, tratando de todos os preparativos de 4º a 6ª feira da última semana, nos quais se incluem o arranjo dos fatos dos anjinhos, os cânticos das virgens e da Verónica, o tapar dos altares com panos roxos, o arranjo ritual das imagens, bem como o “escangalhar” da igreja.¹ Ao sacristão compete, devido ao seu cargo, dar o nó ritual na túnica do Senhor dos Passos, segundo um saber transmitido pelo antigo sacristão, pai de sua mulher.

No próprio dia da cerimónia, na estrada à saída do adro da igreja, são erguidas duas tendas toscas, uma de venda de bebidas, explorada por um particular, que no caso do negócio lhe render deverá pagar duas mordomias (15€), caso contrário só paga metade. A segunda tenda, que vende produtos alimentares (amêndoas, mel, bolos), é explorada por um padeiro da região a quem compete pagar 25€ pelo espaço que utiliza.²

Essa mesma manhã é aproveitada, por muitas pessoas das redondezas, para pôr flores e tratar das campas no cemitério da freguesia, localizado por detrás da igreja, lugar para onde se dirigem posteriormente, a fim de fazer o seu donativo ao Senhor dos Passos. Estas verbas são recebidas directamente por um dos elementos masculino da comissão, que regista o nome e o valor da oferta, retribuindo com um pacote de 100g de amêndoas (à exceção das ofertas feitas devido a promessa, pois estas são já a contra dádiva do favor obtido). Ainda na parte da manhã, dois mordomos acompanhados pelas mulheres da comissão, juntamente com o sacristão e a sua mulher, vão “fazer os Passos.” Ramos de palmeira, quadros (com pinturas representando os Passos do Calvário) retirados das paredes da igreja, flores para enfeitar e para cada Passo, uma mesa com uma jarra de flores e uma bandeja para receber as ofertas—são

estes os objectos essenciais para a construção dos sete Passos. Pelas onze horas da manhã, seis homens, já com as suas opas (capas) vestidas, transportaram o andor da Senhora das Dores para um local previamente preparado, onde permanecerá escondido até ao sermão do Encontro, enquanto o sacristão toca o sino sem parar (é um saber ritual, “só ele toca bem.”) À passagem do andor, os homens descobrem a cabeça e benzem-se. Na venda dos bolos, tapam-nos com uma toalha branca.

À tarde, por volta das 16 horas, depois da missa, o padre, escolhido pelo pároco para ser o Pregador deste ritual, inicia-o com o primeiro sermão—o Pretório,—a que se segue a procissão; no terceiro Passo o Pregador faz o segundo sermão—o Encontro (da Senhora das Dores com o seu filho)—é um momento de enorme dramatismo. Após a reorganização do cortejo e a passagem pelos restantes Passos, a procissão regressa à igreja para o sétimo e último Passo, em que se ouvirá o terceiro sermão—o Calvário. No final os penitentes circulam à volta da imagem do Senhor dos Passos, fazendo ofertas em dinheiro.³

Esta apresentação de carácter etnográfico já possibilita a análise de várias questões pertinentes, de entre as quais se salienta a problemática da manutenção do ritual ao longo de centenas de anos. Para além da função essencialmente económica, este mantém-se, por um lado, pela crença e necessidade de satisfação de promessas e, por outro, devido ao interesse da comunidade em manter esta tradição antiquíssima. No que respeita à crença, que tem por base a devoção, esta é sustentada por ideias de perdão e reconciliação com a divindade, num processo de regeneração espiritual. Também o ritual afecta a relação entre o crente e a divindade, revestindo-a de afectividade, como se pode verificar pela utilização de expressões como: a “roupinha do Senhor” e o “vestidinho de sair,” ao referirem as vestes para serem usadas na procissão pelas imagens do Senhor dos Passos e da Senhora das Dores.

A reformulação permanente das normas, numa actualização indispensável à continuidade do ritual ao longo dos anos, é realizada pela mulher do sacristão, apesar de lhe competir a manutenção do cumprimento tradicional dos ritos e das suas interdições.⁴

A problemática espaço-tempo é também fundamental para esta análise. Durante todo o dia, sobretudo na parte da tarde, o espaço onde vai passar a procissão sofre uma alteração, transfigura-se. Os caminhos, irreconhecíveis com a marcação dos Passos, parecem todos convergir para a Sapataria, na direcção da igreja, também esta previamente “desmanchada” e preparada para o ritual. Podem-se considerar diversas circularidades em todo aquele espaço,

como: a volta à igreja; a volta à freguesia; a volta ao andor; a roda do círculo de vizinhos, para realizar as pedidas e constituir nova comissão.

Também é possível ver a circularidade do tempo, na repetição anual da procissão. O andar de todos os penitentes, vestidos de cores escuras num processo de identificação da sua dor com a da divindade, é cadenciado, lento, compassado pelo som da banda e pelo toque repetido do sino. O ritual é tempo de reencontro de parentes, amigos e vizinhos; há uma paragem do quotidiano, pois as rivalidades são ignoradas (também cá estão as gentes de Pêro Negro) e opera-se como que uma ruptura nas relações complementares entre os dois sexos, ficando reservado para as mulheres o papel de penitentes ou assistentes, numa clara inversão das relações em termos de unidade doméstica.⁵ Neste tempo, as situações de silêncio e evitamento quotidiano entre parentes são anuladas e substituídas por outras opostas, caracterizadas pelo diálogo e pela aproximação, reformulando as relações sociais.

Também é possível analisar o ritual da procissão do Senhor dos Passos segundo a sua função económica, função esta que o ritual sempre teve e ainda tem hoje, efectivamente: se, por um lado, a Comissão Fabriqueira movimenta bens, quer monetários, quer de carácter religioso,⁶ por outro, ela própria angaria dinheiro, tanto directamente junto dos penitentes e de toda a comunidade (durante a “pedida” de porta em porta), como recebendo-o indirectamente das vendas. Poder-se-ia pensar que não há excedentes desses bens, mas a situação é exactamente a oposta, pois o objectivo de todas as comissões é conseguir que após as despesas pagas, todos os anos, haja capital que possa ser depositado numa instituição bancária, a fim de que possa voltar, mais tarde, à comunidade, acrescido de juros, sob a forma de novos bens (arranjos e obras de manutenção da igreja). Recorde-se o significado do adjectivo fabriqueiro: “[...] diz-se da igreja que tem fábrica de sacristia ou de igreja, isto é, rendas aplicáveis às despesas de culto e de reparações” (Machado 63)—é isto mesmo que acontece na Sapataria. A comissão, numa função inequivocamente económica, obteve no ano 2000 um lucro de 2850€, depois de pagar todas as despesas, depositando o dinheiro num banco, a fim de render juros.⁷

Para compreender este circuito, é pertinente questionar se, na verdade, são só os habitantes da Sapataria que “mandam na sua igreja,” como afirmam o sacristão e a mulher. A investigação mostrou que o facto de o Pároco não residir na freguesia contribui em muito para o seu afastamento da comunidade, tendo como consequência directa uma desresponsabilização da igreja sobretudo em termos financeiros, visto o templo ser gerido autonomamente pela Comissão Fabri-

queira. Esta situação pôde ser confirmada pelo pároco da freguesia, aquando da entrevista que lhe foi feita, escusando-se a dar informações acerca de um ritual que dizia desconhecer por completo, visto nunca ter estado presente. Estas afirmações assumem particular importância quando se sabe que este mesmo padre intervém directamente neste ritual, pois estabelece proibições (como o afixar notas na veste do Senhor dos Passos), obriga a fazer alterações (como a mudança da ordem no desfile das alfaias religiosas) e designa o Pregador. É evidente que, desta forma, o Patriarcado aproveita todos os lucros decorrentes da realização da procissão, abstendo-se de participar com as verbas necessárias à manutenção e obras da igreja como é da sua competência: “[...] em 80 anos, só uma vez foi preciso os de Lisboa mandarem dinheiro para cá,” informou o sacristão.⁸

Constata-se deste modo que este ritual não se caracteriza somente por uma economia de bens simbólicos, mas também, e sobretudo, por uma economia mercantil: a moeda funciona como meio de pagamento, medindo o valor dos bens que circulam segundo preços que constam de tabelas (estas estabelecem o custo das mordomias, das meias-mordomias e do direito de venda das comidas e bebidas), com a finalidade da obtenção de lucro, sendo tudo registado numa contabilidade organizada.

Quanto à verdadeira razão e ao real interesse em se pertencer a uma Comissão Fabriqueira, o facto é que, sendo da sua inteira competência a gestão dos fundos, consoante o capital obtido no fim de cada ano e sobretudo no final do mandato, os seus membros verão o seu valor aferido por toda a comunidade, forma esta de reconhecimento dos indivíduos sociais, a que Bourdieu denominou de capital simbólico: “A segunda propriedade correlativa (da economia pré-capitalista) é a transfiguração dos actos económicos em actos simbólicos [...]. Terceira propriedade: nesta circulação [...] produz-se e acumula-se uma forma particular de capital a que chamei capital simbólico [...]” (132).

Outro dos objectos em análise deve ser o sistema de prestação de dádivas presente neste ritual; veja-se o que nos dizem: Godelier diz que “dar é instituir simultaneamente uma dupla relação entre quem dá e quem recebe. Uma relação de solidariedade [...] e uma relação de superioridade. [...] [A]ssim a dádiva aproxima [...] e afasta (os protagonistas) socialmente” (21); Godbout acerca do valor da dádiva considera que este é de nível relacional (por oposição ao valor de uso e de troca)—“En circulant, le don enrichit le lieu et transforme les protagonistes. Le don contient [...] quelque chose de plus que la gratuité essaie de nommer. [...] La plus-value c’est [...] la transformation d’une valeur de lieu en valeur d’échange” (245). O pagamento de promessas, que assume inúmeras formas

(dinheiro, objectos religiosos ou certos sacrifícios como fazer o “perambulatio” descalço) e que se destina a retribuir uma graça concedida, normalmente em circunstâncias graves da vida, insere-se num sistema de dívidas que nunca poderão deixar de ser saldadas; segundo nos informaram: tem que ser, é promessa. Mas a verdade é que, na prática, nem sempre se observa esta obrigatoriedade, pois, curiosamente, muitas promessas não são cumpridas, ficando em “dívida.” Nestes casos, por vezes são os familiares quem, após a morte dos parentes ou mesmo em vida deles, se sentem obrigados a fazê-lo, como que numa extensão das relações familiares. O pároco, o mesmo que afirma desconhecer este ritual, sugere alternativas ao incumprimento das promessas como por exemplo o pagamento de missas, a compra de ex-votos à igreja (vê-se que o lucro não está muito arredado destas sugestões) ou a prática de orações.

Podemos considerar aqui duas situações diferentes: a primeira é o pagamento da promessa que fica cumprido no momento em que se vai na procissão; a segunda consiste no aluguer dos fatos para o ritual, que é feito em moeda, ao preço da tabela e que no futuro será contabilizado, devendo também concluir a troca. Mas, na verdade, se se trata de uma simples relação de troca (ainda que temporária) de moeda por bens (cargos ou fatos), donde vem a obrigatoriedade de se receber um pacote de amêndoas? Porque não basta dar e receber o que está estabelecido? As amêndoas que se recebem fazem exceder os termos da troca. Não poderão constituir como que uma mais-valia? Neste caso a relação não fica equivalente e se o dador recebe mais do que os bens que pagara, fica em “dívida.” Outra das hipóteses é ser necessário receberem-se as amêndoas pois constituem a verdadeira contra-dádiva, visto que os fatos têm de ser devolvidos. Mas, os cargos e as honras que eles trazem aos indivíduos (o capital simbólico) não podem ser considerados como contra-dádivas?⁹

Quando a comissão realiza a pedida (peditório), não o faz na aldeia de Pêro Negro devido a um antigo litígio acerca da localização da sede da freguesia, situada na Sapataria. Mas, sendo o objectivo a angariação de fundos, porque não os irão aí recolher? Será porque a comunidade da Sapataria não quer aceitar o dinheiro ou não quer ser obrigada a retribuir a oferta? É interessante analisar o que acontece por ocasião das Festas de Verão de Pêro Negro, altura em que a aldeia necessita para uma procissão de pedir emprestadas à Sapataria algumas alfaias religiosas, solicitação que é aceite anualmente, talvez devido a serem objectos sagrados, contrariamente ao dinheiro recebido na colecta para a procissão do Senhor dos Passos. Pensamos que a comunidade da Sapataria cede os bens (sagrados), mas não pretende permitir qualquer retribuição

aquando do peditório para o ritual. Deste modo, obriga Pêro Negro a ficar permanentemente em dívida, acentuando a ruptura entre as duas povoações, como que numa renovação da relação de rivalidade.

Considere-se, de seguida, a divisão social do trabalho, uma das bases fundamentais da ordem social, cuja “verdadeira função é criar, entre duas ou várias pessoas, um sentimento de solidariedade” (Durkheim 71). Mas, serão as relações de solidariedade criadas pelo ritual caracterizadas pela igualdade? Certamente que a resposta é negativa. Apesar de qualquer indivíduo poder integrar a procissão da Sapataria, a comunidade de Pêro Negro não o pode fazer, pois não tem possibilidade de adquirir os cargos que o permitem e que dão prestígio.¹⁰ Ficam assim com deficit de capital social, ou seja, permanecem numa posição de inferioridade em relação aos habitantes do resto da freguesia. De facto, a igualdade não é um factor que esteja presente neste ritual, pois existe uma hierarquização estabelecida segundo os diversos graus do saber ritual e consoante os cargos desempenhados. Se, por um lado, os mordomos proporcionam a subsistência económica do ritual, situando-se na base da hierarquia, por outro, os membros da Comissão Fabriqueira gerem os fundos e velam pela manutenção da igreja (segundo uma divisão sexual das tarefas, os homens responsabilizam-se pelo dinheiro, as mulheres pela limpeza da igreja), mantendo-se a meio da pirâmide hierárquica. Por seu lado, o par constituído pelo sacristão e sua mulher, ao deterem as funções principais, ou seja, todo o saber e poder ritual, posiciona-se no topo da referida hierarquia.

Podemos então extrair algumas conclusões desta análise. Ao longo deste texto, foram realçadas propositadamente noções como dívida, ruptura e hierarquia, pois a observação concreta da vida social permitiu apercebermo-nos não só das retribuições mas também das dívidas, das solidariedades, e também das rupturas, de determinadas paridades, porém sobretudo de desigualdades e hierarquias.

Detectou-se reciprocidade? Só quando havia interesse na circulação de pessoas e bens. Mauss, nas conclusões do *Ensaio sobre a dádiva*, referiu as noções de lucro e interesse material como factores explicativos da circulação das riquezas (186), o que já Marx e Engels tinham afirmado.

O moderno poder de Estado é apenas uma comissão que administra os negócios comunitários de toda a classe burguesa. [...] A burguesia, lá onde chegou à dominação, destruiu todas as relações feudais, patriarcais, idílicas [...]. Resolveu a dignidade pessoal no valor da troca, e no lugar das inúmeras liberdades bem adquiridas e certificadas pôs a liberdade única, sem escrúpulos de comércio. (38–39)

Segundo esta perspectiva, as relações económicas de ligação ao capital estão subjacentes a toda a interacção social, mesmo para os sistemas de prestações de dádivas, em que o valor de troca se veio juntar ao valor de uso.

Segundo Mauss, “cada mercadoria só tem importância na medida em que o seu uso é a base de um valor de troca e que este se metamorfoseia em dinheiro que produz dinheiro, em capital” (87). A análise do ritual da Sapataria permite verificar as trocas económicas com ligação ao mercado presentes no sistema de prestação de dádivas. São os próprios indivíduos sociais quem introduz alterações aos seus ritos, que se deveriam manter inalteráveis, numa manipulação das relações sociais, com a finalidade de as adaptar às novas estruturas dominadas pela economia, numa reformulação conjuntural que vão prolongando ao longo do tempo.

Notes

¹ Os tradicionais sete anjos desta procissão são hoje em número indeterminado, apresentando-se acompanhados por homens, pais, avós, tios ou padrinhos. Nesta região é comum o compadrio como forma de reafirmação dos vínculos de parentesco ou estabelecimento de fortes laços sociais entre parentes e vizinhos.

² Segundo alguns informantes, a generalidade das pessoas da freguesia só come amêndoas naquele dia, não as considerando como alimento a ser consumido na época Pascal.

³ O cortejo integra, com lugar reservado, um grupo de pessoas que prometeram fazer o Perambulatio (percurso) descalças e que é normalmente constituído por mulheres idosas e jovens mães que o fazem transportando os filhos nos braços.

⁴ Aceita raparigas para o papel de Virgens, sem indagar se elas o são, condição antes indispensável, o que não acontece hoje, devido à falta de jovens.

⁵ Sobreretudo no que respeita ao transporte das alfaias religiosas durante a procissão.

⁶ Como alfaias religiosas (objetos em ouro, prata, etc.) que lhe são entregues como contra-dádivas de promessas, retribuindo uma graça obrida.

⁷ No rol das despesas estão os pagamentos ao Pregador, à banda (acrescido de um lanche) e ao sineiro, para além das contra-dádivas em amêndoas (a todos os mordomos, meios-mordomos, anjinhos e outros). As receitas são provenientes das verbas obtidas pelo pagamento das promessas, de ex-votos, da doação de objetos diversos, do recebido nas pedidas e ainda do apurado pelo “aluguer” das vendas das bebidas e das comidas.

⁸ O sacristão refere-se ao Patriarcado de Lisboa, pretendendo mostrar a independência financeira da comunidade.

⁹ Afirmaram-nos que ninguém gostava de ser meio-mordomo, o que é bastante sintomático do interesse dos cargos.

¹⁰ Devido a não se realizar a pedida em Pêro Negro.

Obras Citadas

- Bourdieu, Pierre. *Razões práticas*. Oeiras: Celta, 2001. Impresso.
- Durkheim, Emile. *A divisão do trabalho social*. Vol. 1. Lisboa: Editorial Presença, 1977. Impresso.
- Godbout, Jacques T. *L'esprit du don*. Paris: Éditions la Découverte, 1992. Impresso.
- Godelier, Maurice. *O enigma da dádiva*. Lisboa: Edições 70, 2000. Impresso.
- Leal, João. *As festas do Espírito Santo nos Açores*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1994. Impresso.
- Machado, José Pedro. *Grande dicionário da Língua Portuguesa*. Amadora: Ediclube, 1990. Impresso.
- Marx, Karl, and Friedrich Engels. *O manifesto do partido Comunista*. Lisboa: Edições Avante, 1997. Impresso.
- Mascarenhas, Maria Margarida Paes Lobo. *A procissão do Senhor dos Passos da Sapataria*. Lisboa: ISCTE, 2001. Impresso.
- Mauss, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edições 70, 2001. Impresso.
- O trabalho e as tradições religiosas no distrito de Lisboa*. Lisboa: Governo Civil, 1991. Impresso.

Maria Margarida Paes Lobo Mascarenhas is a teacher and received a BA in anthropology at the Instituto de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE) in Lisbon. She has published in collaboration with João Cravo: "Encontro de Culturas: uma experiência," in *Cadernos de Educação de Infância*, number 31, July 1994. She has done extensive fieldwork on the Sapataria for many years.